

As histórias do início do rock-Brasília, surgido no final dos anos 70 embaixo dos blocos habitados por professores da UnB, são contadas em livros que devem ser lançados no ano que vem

Arquivo pessoal/Kadú Lambach



Registro raro de um dos primeiros shows da Legião Urbana, no início dos anos 80 e ainda com o guitarrista Kadu Paraná Lambach (E) na guitarra, depois substituído por Dado Villa-Lobos

TÉDIO ENGOLIDO PELAS GUITARRAS

Teresa Albuquerque
Da equipe do **Correio**

SÃO PAULO — PAULO MARCHETTI ERA UM GAROTO QUANDO CONHECEU A TURMA DA COLINA. MORAVA NA 111 SUL E AINDA LEVAVA A BOLA EMBAIXO DO BRAÇO PARA OS SHOWS NO FOOD'S, A LANCHONETE DA EQS 110/111 ONDE AS BANDAS TOCavam NO INÍCIO DOS ANOS 80. LÁ VIU A PLEBE RUDE, O ABORTO ELÉTRICO, A BLITZ 64. TINHA 12 ANOS, E ACABOU LARGANDO A BOLA PARA FICAR COM A TURMA.

Ex-integrante da banda Filhos de Menghele, ele fez parte da turma de 1982 a 1987, ano em que se mudou para São Paulo. Hoje, aos 28 anos, é diretor e produtor da MTV. Ainda não escolheu o título do livro que está escrevendo sobre a turma da Colina ("deve ser algo com diário, como *O Diário da Turma* ou *O Resgate do Diário*"), mas o imagina nos moldes do "diário punk" *Mate-me, Por Favor*, de Legs McNeil e Gillian McCain. A história é contada pelos personagens, com os depoimentos deles, e não pelo autor.

Tanto Marchetti como Dinho Ouro Preto estão em negociações com editoras para lançar seus livros no ano que vem. Embora tenham o mesmo tema, a turma, são projetos bem diferentes. Enquanto o primeiro colhe material para fazer uma espécie de diário (quase 50 pessoas foram entrevistadas), o segundo prepara um "quase-romance" (sem ficção), em primeira pessoa, sobre o que ele chama de história do "proto-rock brasileiro".

"Não é autobiografia, é a história da turma, de como eu me lembro dela. É o que chamam de *reality fiction*, histórias reais lidas como um romance", diz o vocalista do Capital Inicial, que escreveu 20 capítulos. O trabalho foi interrompido por causa das gravações do novo disco da banda, mas ele diz que voltará ao computador o mais rápido possível.

Dinho tem pressa. Há um filme esperando por ele.

"Essa história é fabulosa, dá um belo filme", acredita Fê Lemos, 36 anos, baterista do Capital, ex-Aborto Elétrico. A irmã dele, Helena, que também era da turma, foi estudar cinema em Los Angeles (EUA) e estaria preparando um roteiro. Dinho confirma o sonho do companheiro de banda. Sua idéia realmente é transformar *A Turma da Colina* em filme. "Vou vendê-lo", avisa.

"HISTÓRIA PARA OS NETOS"

Paulo Marchetti não quer polêmica. "Quero mostrar o lado divertido da história, fazer um livro para mostrar para os netos", diz ele, que pretende lançá-lo em 1999, acompanhado de um CD e/ou fita com músicas de bandas da época. Uma das cogitadas é Diamante Cor-de-Rosa, banda de carreira curtíssima (começou em 1983, terminou em 1984) que se apresentava com gravatinhas vermelhas e terno alaranjado no Radikaos (bar da 105 Norte) e na UnB.

Lugares que eles freqüentavam na época são abordados no livro, como o Radikaos, o Quentinho na 108 Sul, depois trocado pela adega da 102/103 Sul (atrás do Janjão, no Cine Centro São Francisco), o Food's (a lanchonete da 110/111 Sul) onde as bandas tocavam aos sábados, as fes-

tas, os acampamentos, a Colina, o Panelão de Arte (projeto musical realizado na 312 Norte), o Teatro Galpão (508 Sul). Um capítulo será dedicado a Renato Russo, outro ao guitarrista Feijão, mortos em 1996.

Marchetti aproveitou as férias para coletar os depoimentos. Ficou uma semana no Rio, entrevistando pessoas como Hermano Vianna (antropólogo, irmão de Herbert Vianna) e Gutje, ex-baterista da Blitz 64 e da Plebe Rude. As três semanas seguintes ele passou em Brasília, conversando e fotografando as "locações" do livro.

Em 30 dias, tinha falado com 40 pessoas. Semana passada, ele entrevistou Bi Ribeiro e Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso. Bi morou na 104 Sul, na mesma quadra de Herbert, e saiu de Brasília em 1978, quando foi estudar na Universidade Rural do Rio de Janeiro. "Não estava mais cidade quando tudo começou, mas sempre voltava nas férias e encontrava a turma. Saía com eles, ia às festas, era muito divertido", lembra o baixista dos Paralamas.

"A Rural vivia em greve, Bi ia direto para Brasília", conta o irmão dele, Pedro Ribeiro. "Como ninguém tinha carro, e o Bi tinha um Passat verde, ele era o *Bisum* (trocadilho com ônibus, em inglês). Nesse carro a gente colocou 14 dentro", brinca Pedro, 34 anos, hoje produtor técnico dos Paralamas.

co dos Paralamas.

Dois anos mais novo que o irmão famoso, Pedro tem a mesma idade de Dado Villa-Lobos e Dinho Ouro Preto. Eram muito amigos, os três. Estavam sempre na 104, onde Pedro morava, andando de skate e jogando bola. Chegaram a morar juntos na 213 Sul, dividindo até um carro: "Quando a mãe do Dado viajou, deixou uma Brasília torta, empenada. Era o nosso carro. Ali a gente punha 12".

A PRIMEIRA "QUEBRADA"

Foi nessa Brasília torta, caindo aos pedaços, que Dado, Pedro e Dinho foram pela primeira vez a uma das quebradas do Lago, onde a turma da Colina se reunia. Na época, no comecinho dos anos 80, eram umas 10, 15 pessoas, quase todas das bandas.

As quebradas — "praças de lama", segundo Dinho — eram um dos programas favoritos de Renato Russo. Eles colocavam os carros em semicírculo, com os faróis ligados, armavam fogueiras, levavam um garrafão de vinho e ficavam lá, conversando a noite inteira sobre música, literatura e cinema.

"Quando você entrava na turma, passava por um período em que era ignorado", conta o vocalista do Capital. "Subia degraus se conhecesse as bandas e os livros certos. Para subir ao Olimpo, precisava tocar numa

banda. André Mueller (baixista da Plebe Rude) uma vez me disse que, aos olhos deles (os integrantes das bandas, o "alto clero da turma"), éramos meros figurantes. Fiquei muito magoado, mas era verdade."

Dinho e Dado logo saíram da figuração. Ficaram até mais famosos que André e a Plebe. Mas passaram pela tal fase de "indiferença", como todos os recém-chegados. Nesse primeiro encontro na quebrada (no final do Lago Sul), foram até bem recebidos. Já tinham assistido aos shows do Aborto e da Blitz 64, e ali quase todos eram integrantes das bandas.

Eles esperavam falar de música, mas a primeira pergunta que ouviram naquela noite foi: "E aí, vocês gostam de ler?". "Era a última coisa que esperava ouvir", lembra Dinho. "A sorte é que eu tinha lido os livros prediletos deles, coisas como *O Apanhador nos Campos de Centeio* e *Admirável Mundo Novo*."

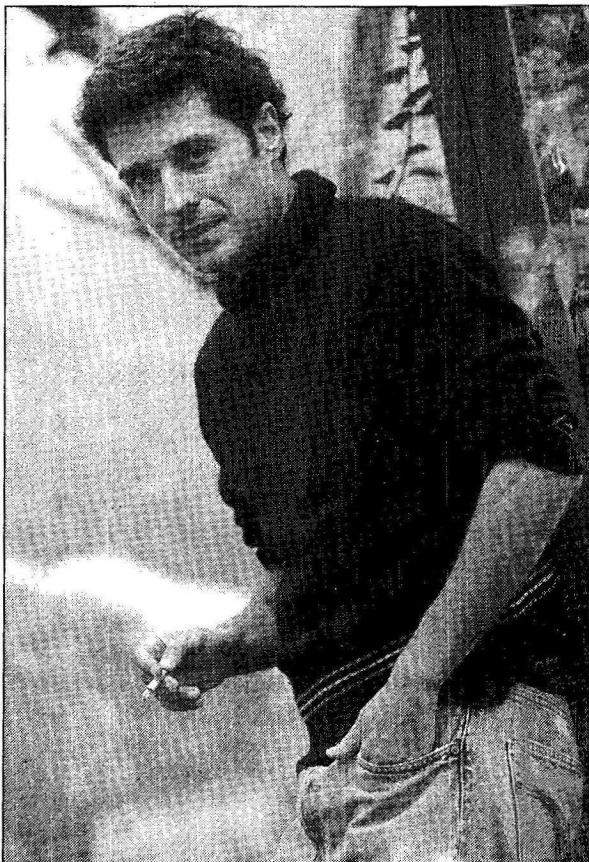
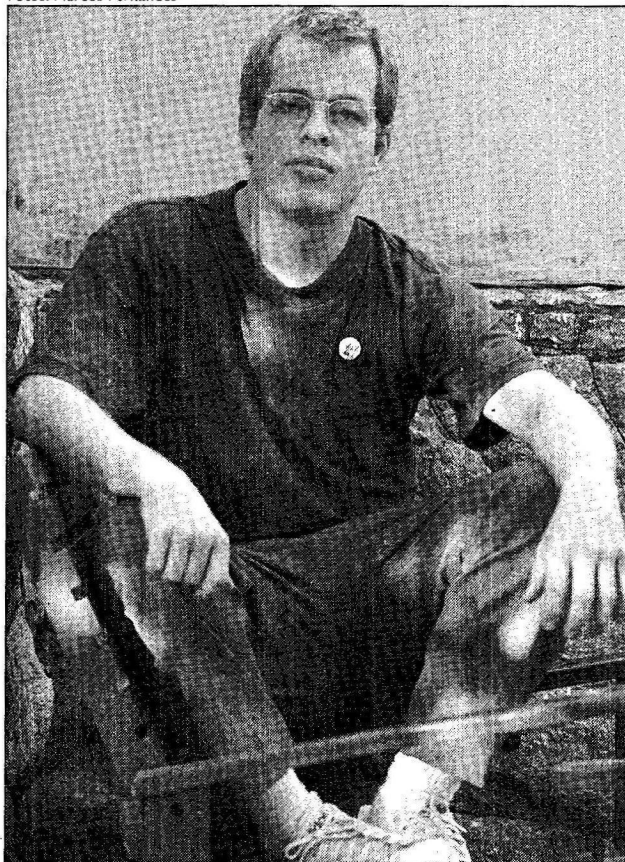
Conversando sobre livros, cinema e, sobretudo, música, Dinho, Dado e Pedro entraram na turma. Mudaram suas roupas, seus cabelos, seus discursos. "Era uma tribo que se achava única. Entrar para essa turma era um atestado de que você era diferente de todo o resto da adolescência brasileira — as roupas, a atitude, o gosto literário, cinematográfico..."

Para o vocalista do Capital Inicial, isso dificilmente se repetiria nos dias de hoje. "Há a MTV, as revistas, as rádios, o acesso à informação. Ninguém tem mais a sensação de ser o único que conhece os Sex Pistols. Usávamos casacos do Exército achando que éramos os únicos do Brasil."

Olhando para trás, Dinho Ouro Preto vê o rock brasileiro como um movimento cultural que se estende a cantoras como Cássia Eller e Zélia Duncan e bandas dos anos 90, como Raimundos e Câmbio Negro. "Todos eles fazem parte do mesmo movimento, mas acho que os próprios não percebem. Nem a Plebe Rude nem os Paralamas percebem. A gente não soube conduzir essa história. Cada um foi cuidar de sua carreira, e essa pulverização fez mal à integridade da idéia. Até 1983, era uma causa comum."

Eram tempos pesados, de regime militar. "Tocar rock no Planalto Central era subversivo naquela época", lembra o baterista Fê Lemos. "Fazíamos nossa própria música, nossas próprias festas e roupas. Todo mundo usava casaco do Exército, as calças tinham 10 mil remendos, eram verdadeiros trabalhos de arte. Adorava aquilo. Éramos adolescentes vivendo o sonho de ser diferente."

Fotos: Marcos Fernandes



Paulo Marchetti entrevistou 50 pessoas para seu livro, enquanto Dinho preferiu escrever um "quase-romance"